

LIÇÕES APRENDIDAS E PROJEÇÕES (PARTE 2)

Por Gabriel Camilli*



O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky e o general Valery Zaluzhny em Kiev, 8 de fevereiro de 2024 (Serviço de Imprensa Presidencial Ucrâniano via Reuters).

A história já provou muitas vezes que a qualidade pode decidir batalhas, mas a massa e os recursos disponíveis decidem a guerra.

Como disse Clausewitz: “A guerra é um camaleão, em cada caso adquire características diferentes, e em cada guerra diferentes formas”.

Como dissemos na semana passada, estamos refletindo após dois anos de reinício da guerra europeia. As lições aprendidas podem ser analisadas de acordo com o nível de liderança, o primeiro é o nível estratégico nacional, que determina o que se chama de Estado Final Estratégico Desejado que materializa, com indicadores concretos, como o propósito da guerra é alcançado.

Depois, há os níveis setoriais, incluindo a Estratégia Militar, ou seja, o Ministério da Defesa e o Estado-Maior Conjunto, que devem desenvolver uma diretiva estratégica que inclua as missões particulares dos diferentes comandos operacionais. Hoje veremos algumas considerações do Nível Estratégico Militar.

GUERRA DE DESGASTE

No início da guerra, a Ucrânia alcançou sucesso defensivo. Depois de algumas semanas, a Rússia foi forçada a ficar na defensiva. Portanto, desde o final de março de 2022, a Rússia tentou impor uma guerra de trincheiras na Ucrânia. Isto foi seguido pelo uso maciço de artilharia e um novo modelo 2.0 de cruel guerra de

trincheiras. Contudo, podemos observar com mais atenção as palavras do coronel do Exército Argentino Jorge Durand: “O apoio da OTAN à Ucrânia ocorre em três aspectos essenciais: profundidade estratégica, logística e ISR, (*Intelligence, Surveillance and Reconnaissance*, Inteligência, Vigilância e Reconhecimento), três aspectos que os russos não podem afetar sem agravar o conflito. Especificamente, a capacidade ISR da OTAN impede que os russos concentrem forças e as utilizem de forma surpreendente porque são detectadas e, graças à configuração do TO, permite à Ucrânia operar ao longo de linhas interiores.” Isso estabiliza a frente.

A partir da primavera de 2022, tornou-se claro que o conflito seguiria o curso de uma guerra de desgaste. O Ocidente deveria ter respondido de forma adequada, especialmente porque a Rússia ainda enfrentou numerosos desafios na reprodução e organização das suas forças ao longo de 2022. Em particular, havia muito poucas tropas operacionais disponíveis. A mobilização de novas forças e o aumento da produção de armas impuseram sérios problemas.

As operações são influenciadas pelos obstáculos (rios e a famosa *rasputiza*) na Ucrânia, que praticamente obrigam a interromper as operações quatro meses por ano e a ficar na defensiva. Entretanto, a Rússia não só conseguiu ultrapassar estes obstáculos, como também melhorou seu desempenho militar no campo de batalha. Sempre encontrou uma resposta aos sistemas de armas de alta qualidade fornecidos pelo Ocidente (por exemplo, mísseis antitanque Javelin, lançadores múltiplos de foguetes HIMARS, mísseis ar-solo antirradar AGM-88, mísseis de cruzeiro *Storm Shadow* ou *Scalp*, artilharia com munições cluster) ou sistemas de armas produzidos pela própria Ucrânia (incluindo drones com capacidade de armamento).

Além disso, o Ocidente (ou “Norte Global”) subestimou durante muito tempo a adaptabilidade da Rússia no campo de batalha, bem como suas capacidades industriais, como resultado do excesso de confiança e da falta de conhecimento sobre o inimigo. Tendo em conta os crescentes sucessos russos e o declínio do apoio ocidental à Ucrânia, a Rússia sente agora a sua oportunidade: ao longo de toda a linha da frente de 1.200 km de comprimento, o aumento das ações ofensivas russas tem sido claramente evidente desde finais de 2023. Há também novas realocações de tropas. Cerca de 40 mil soldados russos (de um total estimado de 420 mil implantados) já estão destacados apenas na área de Avdeevka.

A abordagem russa tem dois objetivos: de um lado, tenta forçar os ucranianos a usarem suas reservas táticas e operacionais; de outro, a Rússia quer conseguir avanços locais, ainda que pequenos, sempre que possível. Portanto, avança passo a passo firmemente.

O anúncio, no final de 2023, de que mais 170 mil soldados russos seriam adicionados às forças armadas mostra a vontade da Rússia de travar uma longa guerra. Isto significa novas ações ofensivas a médio prazo. Há especulações constantes nas redes sociais russas de que poderia haver novos avanços do território russo do norte em direção a Kharkov, Sumy ou mesmo Chernigov (ao norte de Kiev). Isto expandiria significativamente a linha da frente de 1.200 km de extensão da Ucrânia e levaria a uma fragmentação ainda maior das forças e

recursos ucranianos cada vez mais esgotados. As tropas bielorrussas também poderiam estar envolvidas.

ESTRATÉGIA MILITAR

Lição 1: A economia baseada em serviços não é a mais adequada para enfrentar uma guerra entre Estados, a desindustrialização tem consequências. A Ucrânia e muitos países da OTAN transformaram sua economia, de industrial para exportação de bens e serviços primários. Hoje é dependente para o abastecimento e manutenção da OTAN.

Lição 2: A questão das “reservas”. A Ucrânia aboliu o SMO (Serviço Militar Obrigatório) em 2014 e, portanto, não possui reservas treinadas suficientes. A Rússia, embora não possa utilizar seus recrutas fora de suas fronteiras, pode mobilizar reservas treinadas.

Lição 3: A Inteligência Estratégica Militar Russa subestimou a capacidade da OTAN de apoiar a Ucrânia com recursos materiais e humanos, operações de inteligência e informação.

OFENSIVA UCRANIANA

Os russos veem o ano de 2023 como um sucesso. Um olhar nas redes sociais russas demonstra isso muito bem. Mais importante ainda, do ponto de vista russo, suas forças armadas conseguiram repelir a ofensiva ucraniana do verão de 2023. A profunda “Linha Surovikin” russa, construída em mais de seis meses, do outono de 2022 à primavera de 2023, cumpriu seu propósito. Outros sucessos incluem a tomada de Bakhmut e Marjinka. Para observadores ocidentais desinformados, Marjinka pode parecer uma cidade insignificante com pouco menos de 10.000 habitantes, mas com esta cidade os defensores ucranianos perderam outra posição importante que tinha sido construída como fortaleza durante oito anos. Durante os combates, a cidade foi arrasada, assim como Mariupol (maio de 2022) e Bakhmut (maio de 2023).

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, reconheceu que as tropas ucranianas foram retiradas da cidade de Avdeevka, durante seu discurso na Conferência de Segurança de Munique.

Como diz o coronel brasileiro Marco Coutinho: “Avdeevka tem importância tática, pois sua conquista representa uma lacuna significativa na defesa ucraniana instalada desde 2014. Politicamente, sua tomada pelos russos é um duro golpe para Zelensky, que deu grande prioridade ao local, classificando-o como ‘um marco da resistência ucraniana contra a ameaça russa’” (veja em: [Avdeevka: Cai o epicentro da guerra do Donbass](#)).

Os ucranianos, por outro lado, carecem de armas adequadas para uma guerra de manobras extensa. Acima de tudo, não existe uma força aérea funcional. Porém, no final de 2022 conseguiu algumas vitórias, também em Kharkov e Kherson. Isto se deve principalmente ao apoio americano com dados de reconhecimento e aos

problemas russos acima mencionados. No Mar Negro também foi possível atingir gravemente a frota russa. Até o início de junho de 2023, uma espera tensa pôde ser observada nas redes sociais russas. Isto mudou subitamente no verão, após os primeiros sucessos defensivos dos russos contra a ofensiva de verão ucraniana. Pesadas perdas russas foram mascaradas por seus próprios sucessos defensivos e por imagens de tanques Leopard e Challenger em chamas, bem como veículos blindados de transporte de pessoal Bradley, Marder e CV-90. O clima começou a mudar.

As forças armadas russas continuam a sofrer pesadas perdas. Ao mesmo tempo, porém, os soldados disponíveis estão ganhando cada vez mais experiência de combate. Uma análise contínua de vídeos ucranianos de ataques a unidades russas mostra claramente que são capazes de aprender e de se adaptar. Os espetaculares sucessos defensivos dos ucranianos em certos pontos não podem esconder este fato. Todo o conhecimento é dolorosamente comprado com sangue, mas isso também se aplica aos soldados ucranianos. Por isso é ainda mais preocupante que os soldados ucranianos se queixem da falta de treinamento de combate das unidades da OTAN. Isto mostra que as lições da guerra ucraniana parecem ainda não ter chegado aos exércitos ocidentais; A narrativa de que os soldados russos lutam de forma completamente amadora ainda parece prevalecer.

Mas subestimar o adversário em uma luta é o maior erro. Pode haver uma surpresa desagradável aqui. Algumas autoridades ucranianas também salientam isto repetidamente.

Uma notícia que passou quase como um acontecimento acidental, mas... A decisão do presidente Zelensky de substituir o comandante do exército, general Valery Zaluzhny, não foi bem recebida por grande parte da imprensa ocidental e pelos *think tanks* que o apoiaram até agora.

A *The Economist* escreveu que Zelensky corre o risco de ter tomado a decisão errada. O *Times* de Londres noticiou que os soldados ucranianos ficaram furiosos com a atitude do presidente. A revista americana *Newsweek* citou George Beebe, ex-diretor do Departamento de Análise da Rússia da CIA, dizendo que “despedir o comandante do exército em tempo de guerra é um sinal de fracasso”.

Os sistemas de armas ocidentais entregues à Ucrânia até agora são de alta qualidade, mas em uma guerra de desgaste não é a qualidade que desempenha um papel, mas sim a quantidade. A história já provou isso muitas vezes: a qualidade pode decidir a batalha, mas a massa e os recursos disponíveis provavelmente decidirão a guerra. Tomemos como exemplo os sistemas antiaéreos ocidentais. Eles estão fazendo uma diferença significativa neste momento, pois estão atingindo um alto número de mortes em ataques aéreos estratégicos russos em andamento.

Mas a questão é: “Será que a Ucrânia conseguirá manter essas taxas de mortalidade nos próximos meses?” Especialmente se os russos continuarem a atacar, como fizeram nos primeiros dias do Ano Novo, com um grande número de drones, mísseis de cruzeiro, mísseis balísticos e armas hipersônicas. Dada a atual precisão russa, todo e qualquer míssil teria de ser abatido. Portanto, um sucesso

defensivo final só é possível se houver um fluxo constante de munições antiaéreas produzidas rapidamente para a Ucrânia. A nível estratégico, a Ucrânia necessita atualmente de sistemas antiaéreos, incluindo munições, a fim de proteger as profundezas do seu espaço contra a segunda campanha aérea estratégica russa atualmente em curso.

Há muitas lições a aprender. Como se costuma dizer, a guerra deve ser “conduzida com a experiência alheia, porque é difícil colher a própria, é cara e chega tarde”. Estamos tomando notas? Continuaremos na próxima semana.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel-major da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
